

Filme

**DE ABRIL EM ABRIL:
DO DESPEDAÇAMENTO AO ELO
DAS RELAÇÕES**

Filme ABRIL DESPEDAÇADO.

Direção de Walter Salles, 2001

Gonçalo Moraes Galvão

Psicanalista. Membro da EPFCL – Fórum SP.
Graduado em Filosofia. Mestre em Psicologia.
Especialista em Ciência Política. Professor da
Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista
e da Universidade São Francisco.
E-mail: gsgalvao@uol.com.br

Vamos adentrar uma breve história ou será a história de um “Breves”? Breves, brevidade, passageiro, fugaz, que se dá em um curto período de tempo, mas de que nome se trata? De uma história a outra, de uma lembrança a outra, assim perambulam os sujeitos humanos na tentativa de construir o que compõe o colorido e os cinzas de suas vidas. E poderia ser diferente? Entre o que se esquece e o que se lembra, aparece de vão em vão um sujeito desejante. Do menino o laço fraterno que parece apontar um futuro e da camisa pendurada no varal que se espera amarelar, a promessa de morte que deve ser cumprida em algum momento, dando continuidade a algo que se propõe com força tamanha que não se coloca como possibilidade de interrupção.

Ah, menino! Menino sem nome, mas com destino. Acorda do pesadelo que lhe liga

a um irmão morto e a outro vivo; sendo que este último é quem lhe acolhe a alma e lhe abre a esperança. Seu amor por seu irmão “Tonho” não dá para esconder e nem precisa, mas o medo de perdê-lo alvejado pelos cravos da vingança, que perfaz um *continuum*, também é perceptível. Por conta disso, marca-se a força dos elos parentais que se expressam no cuidado do “Menino” com o irmão – a criança sem nome parece configurar parte de seu destino aí, ou seja, na proteção do irmão condenado à morte. Menino, “minino”, criança; o que lhe reserva o destino? Amarra-se na possibilidade da relação com o outro que lhe permite sair de sua hiperindividualidade e de seu narcisismo (LIPOVETSKY, 2004) A relação fraterna parece, então, cumprir uma função, como nos alerta Maria Rita Kehl (2000).

No afã de ir vivendo se arranjam os “Breves” na labuta diária que se divide em cuidar do trabalho e da casa; espaços que se conjugam quase sem fronteiras – as ações que daí se depreendem ficam muito bem representadas pelo trabalho conjunto que rotineiramente marcam a passagem dos dias – a fabricação da rapadura, desde o cultivo da cana até o produto final. Há de se destacar, então, o quanto o fechamento familiar fica posto com força de exaustão, não deixando brechas para o novo, o diferente, a novidade – por mais breve que possa parecer: os bois fazem o mesmo percurso, com grande esforço, mas sem sair do lugar, sendo que somente

podem fazer marcas sobre marcas – mesmo quando libertos da canga não saberão per-fazer outro caminho: “Tonho, os bois tão rodando sozinho!” (SALLES, 2001/2012), exclama “Minino”. A bolandeira canta a inexorabilidade de uma repetição da qual parece impossível escapar ou que sustenta qualquer desvio. O necessário para a sobrevivência deve bastar para que nada de fora ameace o giro constante da bolandeira, que somente pode girar sobre si. Uma paz imaginária reina. “Riacho das Almas” se coloca como um limite e “Bom Sossego” se apresenta como um braço, um desdobramento dessa paz e tranquilidade que não se diferencia de um tédio. O escancaramento das portas e janelas não aponta aberturas possíveis, mas o nada. Um nada que não inclui a existência do acolhimento do estrangeiro, do diferente, da outridade, causando assim mais uma volta sobre si, sobre sua própria herança e suas próprias marcas enquanto sulcos que só se aprofundam sem permitir dialetizar qualquer elemento que daí poderia decorrer, dessa feita não se acolhe a diferença.

A diferença, mesmo que singela e espontânea, de um pedido que se endereça à saída de um lugar da repetição comum é tomada como ameaça à qual se deve reprimir com força e inclemência – “um pé no ouvido” de “Minino” vem ilustrar tal intento. O atual pai dos Breves, que se pauta na ordem da vingança pela honra, agarra-se no exemplo dos antepassados possuidores das terras e de valores morais irremovíveis, dos quais cose todo momento vivente como reprodução deste mesmo. E agora?

Agora é a vez de “Tonho” Breves! Deve cumprir o vaticínio sem vacilar, sem hesitar. E, como de costume, passa ao ato, mas aquilo que deveria ficar simplesmente na conta familiar tomará de assalto o sujeito que então se vê perseguido, no que lhe é de mais íntimo, pela constante repetição de sua ação que não quer mais lhe abandonar. Seria vontade de Deus que isso se cumprisse? Seria algo que, posto pela força da tradição, cimentar-se-ia como certeza inabalável e indiscutível? Para “Tonho”, as coisas não parecem caminhar por aí. Aquele que jaz morto pelo inevitável eco dos laços não lhe parecia morto coisa nenhuma, pois insistia em visitá-lo. O filho emboscado da outra família que fita seu algoz não exige clemência, pois o ato é de honra e sabia-se ser sua vez. Assim como o personagem bíblico, “Tonho” leva, a partir de então, uma marca indelével que, por mais que se lave, não lhe deixa a testa: o sorriso do morto o acompanha interrogativamente e demarca sua proximidade com a morte: “A mãe pensa que mancha de sangue sai, mas não sai” (SALLES, 2001/2012).

O velório do morto inclui o de fora para demarcar os limites dessa cercania. O pai dos “Breves” e “Tonho”, o executor daquele que agora é somente corpo, fazem-se presentes, sendo que será a partir daí que o jovem parece dar-se conta de que é apenas mais um boi a puxar a bolandeira no eixo da moenda. Terá o mesmo prazo, como de costume, uma virada de lua, ou ainda até a mancha amarelar por completo, para que um morto possa efetivamente substituir o outro. Nisso, todos se fazem iguais – um morto por outro –, sendo que o que é de cada um nunca tem sua vez.

A propriedade de cada um não pode suplantiar a propriedade familiar e o que é dessa ordem. Tal justiça emblemática em sua proposição faz a todos iguais sem o peso da alteridade, sendo que nesse sentido se apresenta como justiça, mas desconsidera a possibilidade de aparecimento e de marca da diferença que abriria um novo rumo às relações, entre o dentro e o fora, refazendo, assim, os limites e as fronteiras.

Quem poderia pôr um alento, incluindo a diferença nessa roda-viva que presentifica a morte em cada suspiro?

Tem dias que a gente se sente
 Como quem partiu ou morreu
 A gente estancou de repente
 Ou foi o mundo então que cresceu...
 A gente quer ter voz ativa
 No nosso destino mandar
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega o destino prá lá (...)
 A gente vai contra a corrente
 Até não poder resistir
 Na volta do barco é que sente
 O quanto deixou de cumprir
 Faz tempo que a gente cultiva
 A mais linda roseira que há
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega a roseira prá lá (...)
 A roda da saia mulata
 Não quer mais rodar não senhor
 Não posso fazer serenata
 A roda de samba acabou...
 A gente toma a iniciativa
 Viola na rua a cantar
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega a viola prá lá (...)
 O samba, a viola, a roseira
 Que um dia a fogueira queimou
 Foi tudo ilusão passageira
 Que a brisa primeira levou (...)
 No peito a saudade cativa

Faz força pro tempo parar
 Mas eis que chega a roda viva
 E carrega a saudade prá lá (...)
 Roda mundo, roda gigante
 Roda moinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração. (BUARQUE,
 1967/2004)

Retomemos a questão que ficou: quem poderia ser o portador da diferença nessa mesmidade mórbida? O início do filme delata a abertura para o novo. Seria começo ou final? É de “Minino” que falamos, assim como é de “Minino” a fala “a gente é que nem os bois, roda, roda e nunca sai do lugar” (SALLES, 2001/2012). Talvez seja o próprio “Minino” a ponta dessa família que permita a instauração da diferença, ou seja, por estender os laços que o unem ao outro no âmbito da igualdade e da diferença – por ser outro para o outro – já que conta, narra, ou seja, torna presente para um outro qualquer aquilo que lhe é de mais próprio e diferente, parece poder efetivamente ocupar um lugar de corte nessa repetição infindável dos dias, que cheira à morte: interroga aquilo que se apresenta simplesmente como pura repetição pela via da causa. “Minino” sem nome ganhará um ao se encontrar com o estrangeiro que lhe empresta um sentido, resguarda sua abertura para o outro justamente nessa condição que não lhe aferra *a priori* a uma assinatura de si: Pacu, peixe de rio. Assim se dá a tomada do sujeito pelo outro que delata o quanto há necessidade de um assujeitamento, mas que não necessariamente deverá redundar em submissão. Esse lugar que a fala de “Minino” acusa lhe permite fazer uma virada onde o outro toma possibilidades diferenciadas – o

próximo (irmão), o estrangeiro (Salusteano) e o diferente (Clara, a Sereia) – o que será daí a extração de um lugar na diferença que explicita os laços de amor com o outro, ou seja, a possibilidade de tomar o lugar do outro:

Meu nome é Pacú. É um nome novo. Tão novo que ainda nem peguei costume. Tô aqui tentando alembrear uma história. Às vezes eu alembro, às vezes eu esqueço. Vai ver que é porque tem outra que eu não consigo arrancar da cabeça. É a minha história, de meu irmão e de uma camisa no vento. (SALLES, 2001/2012)

Existirmos: a que será que se destina?
 Pois quando tu me deste a rosa pequenina
 Vi que és um homem lindo e que se acaso a
 sina
 Do menino infeliz não se nos ilumina
 Tampouco turva-se a lágrima nordestina
 Apenas a matéria vida era tão fina
 E éramos olharmo-nos intacta retina
 A cajuína cristalina em Teresina. (CAETANO
 VELOSO, 1979)

Assim, vê-se a precipitação da novidade que fará um giro na lógica do sujeito em jogo, que caminha do ponto que se impõe com força de lei moral, e que acostuma os seres às coisas como se fossem suas moradas permanentes, para um fora, para um além de suas residências que permite, dessa feita, que um mundo outro se abra – do rio ao mar, onde a sereia possa se fazer presente como marca da alteridade absoluta.

“Tonho”, na abertura da relação com “Minino”, apreende o efeito de sair da égide do árido chão da tradição que não permite pôr o pé no além de si. Da marca da morte aspira a possibilidade de vida e acolhe a diferença em um movimento que conduz e deixa-se

conduzir pelo infante que agora tem uma nomeação. Pacu permite ao irmão do meio confrontar a lei inquestionável do pai, contestando a ordem de silêncio: “Cala a boca! – Num calo! (...) Cala a boca! – Num calo!” (SALLES, 2001/2012). Até os bois empacam e demarcam sua resistência: do tapa na cara de “Minino” ao cala a boca. Assim, vê-se que há um papel fraterno a se destacar nas relações e poder-se-ia perguntar qual é o grau de importância disso na constituição e manutenção do sujeito. Segundo Kehl (2000), é possível elevar esse ponto à condição de função, ou seja, a fratria permite uma vasta e complexa rede de vivências que só podem ser compartilhadas entre os irmãos. Com base na identificação das diferenças e semelhanças entre eles, cada um poderá perceber-se como sujeito.

Ao longo da vida, o irmão exerce grande influência na forma como o sujeito vai vincular-se aos outros, pois o irmão é, às vezes, a representação de um primeiro outro, que permite ao sujeito se reconhecer e se socializar. Nesse sentido, pode-se reconhecer que a relação fraterna desempenha um papel importante na história de cada irmão/pessoa no decorrer do ciclo de vida. Dessa forma, o irmão se constitui como a representação de um outro de que o sujeito necessita para se constituir, sendo inegável a importância da relação fraterna na estruturação do psiquismo do sujeito e da relevância da presença do irmão no compartilhamento de uma história comum ao longo da vida.

É importante destacar que a função fraterna não se limita apenas a uma relação entre irmãos biológicos, pois se trata de laços que

se atam e desatam! Do despedaçamento aos laços que se abrem: abriu, abril. Não é no biológico que está a força daquilo que se impõe enquanto função e que, nesse sentido, imprime marcas ao sujeito humano: “‘Tonho’, hoje você é que vai voar. Você fica no meu lugar e eu no teu” (SALLES, 2001/2012). Sentencia “Pacú”, demonstrando que o amor que o liga a esse outro está para além de qualquer obrigação sanguínea. É como se adiantasse aquilo que irá se impor no desfecho final: posso me colocar em seu lugar, pelos laços que nos constituem. Amor, uma versão deste, segundo Lacan (1960-1961/1991), no Seminário 8, que ao comentar Alceste a qualifica no lugar do *hyperapotanein*, ou seja, aquela que se coloca, autenticamente, no lugar do outro. Quando ninguém se oferece para substituir Admeto em sua morte, nenhum laço sanguíneo o garante aí, nem os mais velhos de sua família, o amor faz aí sua vez: “é realmente este ser do outro que, no dizer de Fedro, vemos aqui Alceste substituir na morte” (LACAN, 1960-1961/1991).

Ah, “Minino”, “Menino”, “Pacú” sem você nunca o sertão de “Tonho” poderia virar mar!

... Enquanto fugimos para outros mundos,
Que este está velho, velha princesa,
Palácio em ruínas, ervas crescendo,
Lagarta mole que escreves a história,
Escreve sem pressa mais esta história:
O chão está verde de lagartas mortas...
Adeus, princesa, até outra vida. Adeus.
(DRUMMOND DE ANDRADE, 2012,
p. 41-42)

“Agora tu já sabe da minha história,
mas eu continuo sem lembrar da outra”
(SALLES, 2001/2012).

Referências

- BUARQUE, Chico (1967). Roda Viva. In: _____ . Perfil: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2004. 1 CD.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. São Paulo: Relume Dumará, 2000.
- LACAN, Jacques (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.
- SALLES, Walter. Abril Despedaçado. Barueri, SP: Europa Filmes, 2001. 1 DVD.
- _____. (2001). Abril Despedaçado: notas do diretor. Disponível em: <<http://www.abrildespedacado.com.br>>. Acesso em: 30 dez. 2012.
- VELOSO, Caetano. Cajuína. In: _____ . Cinema Transcendental. São Paulo: Universal/Philips, 1979. 1 disco sonoro.

Recebido em 13/6/2014; Aprovado em 3/9/2014.